



## Silenciamento de Masculinidades: Relato de Experiência em Ações Psicoeducativas no contexto da Campanha Setembro Amarelo

*Rubens Santos Marques<sup>1</sup>*

**Resumo:** Os debates de gênero e formação da identidade ainda são permeados por tabus. Neste estudo teórico-reflexivo, partimos das discussões propostas pela campanha do Setembro Amarelo e pelas ações de prevenção ao suicídio e Valorização da Vida para analisar como as falas de adolescentes do sexo masculino nem sempre alcançam espaços de acolhimento e escuta qualificada e recebimento de demandas que causam sofrimentos intensos interligados a comportamentos suicidas. A problemática emerge da observação e análise da prática em contextos públicos e privados em espaços públicos e privados, por meio de palestras, rodas de conversa e atendimentos em sala reservada para escuta ativa. Nesse contexto, observou-se a procura de forma exclusiva de adolescentes do sexo feminino pelo espaço de atendimento individual, sem a presença de adolescentes do sexo masculino, elemento que suscitou reflexões acerca do silenciamento entre meninos e jovens homens. O estudo traz percepções do olhar do psicólogo acerca da vivência de adolescentes do sexo masculino, frequentemente pressionados a silenciar emoções diante de expectativas externas e conflitos internos, de difícil identificação, que favorecem sentimentos de estresse, medo, confusão e ansiedade que de acordo com percepções construídas a partir da prática são pressionados a se calar diante de emoções causadoras de autojulgamento externo perante o meio, e as internas, geralmente difíceis de identificar, geradoras de estresse, medo, confusão e ansiedade. Tais reflexões norteiam e articulam-se a ações desenvolvidas pelo autor enquanto psicólogo responsável pelos atendimentos individuais no contexto escolar durante a campanha do Setembro Amarelo, período em que se intensificam discussões para o enfrentamento do sofrimento emocional.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Setembro Amarelo. Saúde Mental. Prevenção. Gênero.

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Faculdade Anhanguera Educacional AESA (São Luís – MA). Graduando em Neuropsicologia e Psicologia da Educação pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI - ES). Contato: rubensmarqs34@gmail.com.

## **Silencing Masculinities: An Experience Report in Psychoeducational Actions within the context of the Yellow September Campaign**

**Abstract:** Discussions on gender and identity formation are still permeated by taboos. In this theoretical–reflective study, we draw on the debates promoted by the *Yellow September* suicide-prevention campaign and initiatives for the Valorization of Life to analyze how the voices of male adolescents do not always find spaces of welcoming, qualified listening and reception of demands associated with intense emotional suffering and suicidal behavior. The problem emerged from observation and professional practice in both public and private contexts, through lectures, discussion circles and individual appointments conducted in confidential listening settings. In this context, it was observed that only female adolescents sought individual psychological support, with no male adolescents requesting this service. This finding raised reflections on the silencing experienced by boys and young men. The study presents reflections from the perspective of a psychologist regarding the experiences of male adolescents, who are often pressured to silence their emotions in the face of external expectations and internal conflicts that are difficult to identify, which in turn foster feelings of stress, fear, confusion and anxiety. Based on professional practice, it is suggested that boys are socially pressured to suppress emotions that could give rise to self-judgment or external criticism, while also struggling to recognize and name internal emotional states — which contributes to psychological suffering. These reflections are articulated with the actions developed by the author as the psychologist responsible for individual psychological support within the school context during the Yellow September campaign, a period in which discussions on emotional suffering and suicide prevention are intensified.

**Keywords:** Masculinity. Yellow September (Suicide Prevention) Campaign. Mental Health. Suicide Prevention. Gender.

### **Introdução**

A adolescência é entendida como um estágio da vida marcado por manifestações biopsicossociais. Trata-se de uma fase de transição entre infância e a idade adulta, caracterizada por transformações internas e externas paralelamente influenciada pelas relações de grupo. O desenvolvimento do adolescente é atravessado pela cultura e pelo contexto histórico, de modo que os acontecimentos de determinada época exercem efeitos importantes sobre sua formação. Nesse sentido, é fundamental considerar dados sociodemográficos, que inevitavelmente influenciam a personalidade a partir de fenômenos sociais, tais como fome, morte, acidentes e desastres naturais. Ao falar de um corpo em intensa transformação, é possível perceber que as mudanças anatômicas podem gerar desconforto nos adolescentes, que buscam compreender por

que o seu “externo” provoca estranhamento e, muitas vezes, rejeição por parte dos colegas dentro do próprio contexto escolar.

Além disso, há expectativas por parte da família, que tende a interpretar essas mudanças como sinais de crescimento e amadurecimento. Soma-se a isso o processo de identificação com determinados grupos – ou “tribos”, como alguns autores denominam – que se formam a partir de características aparentemente semelhantes entre os indivíduos. Como essa fase é marcada por dúvidas e confusão em relação a própria imagem, o indivíduo pode vir a sofrer intensamente ao se tornar alvos de julgamentos. Ao focalizar a masculinidade, ao abordarmos corpos masculinos afetados pela cultura, torna-se necessário considerar o contexto histórico e social em que esses sujeitos estão inseridos, uma vez que tais condições influenciam significativamente suas experiências.

A pesquisa teve como objetivo geral: compreender como adolescentes do sexo masculino lidam com questões emocionais no contexto escolar, analisando de que maneira normas de força, virilidade e heteronormatividade contribuem para o silenciamento vulnerabilidade, à luz de ações educativas realizadas em escolas públicas e privadas durante a campanha do Setembro Amarelo; 1) investigar, em produções científicas e na prática profissional como modelos hegemônicos de masculinidade presentes no ambiente escolar influenciam a expressão emocional e o comportamento de meninos, favorecendo o silenciamento e o afastamento de si mesmos; 2) analisar de que modo a escola – enquanto instituição social – pode atuar tanto como espaço de intensificação do sofrimento emocional quanto como lugar de acolhimento, manejo e encaminhamento adequado de adolescentes do sexo masculino; 3) refletir sobre caminhos possíveis para problematização dos estereótipos e preconceitos relacionados às masculinidades, contribuindo para a promoção de práticas educativas que favoreçam a expressão emocional e a valorização da vida dentro e fora do contexto escolar. A pesquisa surgiu da necessidade de discutir um campo então pouco explorado, que é muitas vezes negligenciado pela escola, pela família e a sociedade em geral quando rapazes não correspondem a um “padrão” esperado. Essa negligência pode gerar silenciamentos, adoecimentos emocionais e a invisibilidade de demandas específicas dessa população. Ao iluminar essas experiências, busca-se tensionar discursos normativos e abrir espaço para novas formas de compreensão sobre masculinidades. Assim, o estudo pretende contribuir para práticas educativas e sociais mais inclusivas, sensíveis e comprometidas com a diversidade humana. Para tanto, foram utilizados os escritos de autores que dialogam com a

temática, tais como Renato Caminha (2017), Connell (1990), C. J. Pascoe (2007) e Aaron Beck (2010), entre outros, os quais contribuem para compreensão das masculinidades, dos processos de socialização e dos impactos emocionais decorrentes dessas experiências na adolescência.

### **Ser Menino na Escola: Masculinidades, Controle de Gênero e Produção de Silenciamento**

Renato Caminha (2017) afirma que a adolescência é um período crítico de sensibilidade ao olhar do outro e ao risco de rejeição, a entrada no Ensino Médio, por exemplo, pode funcionar como um disparador de ansiedade social: o adolescente se percebe mais visível, avaliado e comparado, o que favorece o surgimento de medos relacionados a sua performance social, à forma como será tratado e à possibilidade de julgamentos por parte dos colegas.

Um monopólio de poder social é constituído cultural e historicamente entre as pessoas por meio de desigualdades, produzindo uma desordem de direitos marcada por privilégios, preconceitos e estereótipos. Esses elementos sustentam e reproduzem padrões de comportamento que passam a ser percebidos como naturais, quando na verdade são socialmente construídos. Para os meninos, especialmente neste estágio da vida, tais expectativas e normas incidem de forma mais intensa e duradoura, reagindo a maneira que como vivenciam seus corpos, afetos e formas de se relacionar com o mundo. Como ponto de partida para problematização da adolescência masculina, torna-se necessário revisitar os escritos de autores que discutem o lugar social reservado aos meninos. Esse lugar, muitas vezes, é construído a partir da exigência de força, do silenciamento das emoções, da naturalização de comparações e do desestímulo à expressão de vulnerabilidades. Importa destacar que tais expectativas incidem não apenas sobre meninos cisgêneros, mas também sobre adolescentes que se identificam como homens trans, os quais, além dessas pressões normativas, enfrentam o peso adicional da transfobia e da invalidação identitária (Bento, 2006; Pelúcio, 2017).

Em uma sociedade que ainda avança lentamente no campo da educação emocional, o “menino-homem” acaba, não raro, por buscar saídas compensatórias para lidar com frustrações e dores psíquicas, o que pode colocar em risco sua autoestima – como observa, por exemplo, no refúgio na pornografia, no uso do álcool, cigarro e maconha.

A escola é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormalidade, um emaranhado que regula não apenas a sexualidade, mas também o gênero (Louro, 2016; Butler, 2020). As disposições heteronormativas atuam no sentido de

naturalizar, impor, sancionar, promover e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, entendida como correta e socialmente aceitável. Nesse contexto, muitos meninos, na tentativa de se enquadrar às normas hegemônicas, organizam-se em grupos que reforçam padrões de masculinidades baseados na força, virilidade e na supressão das emoções (Connell; Pearse, 1997).

Aqueles que não aderem a essas formas de pertencimento acabam por comprometer a própria segurança subjetiva, tornando o ambiente escolar um espaço hostil e difícil de convivência. Diferenciar-se dos chamados “valentões” pode significar tornar-se alvo de deboche, sendo frequentemente associado a marcas de feminilidade, o que culmina em práticas recorrentes de bullying e silenciamento. Esse processo, muitas vezes, na negligência de si, na internalização da vergonha e retraimento emocional (Abramovay; Rua, 2019).

Soma-se a isso a frequente ausência de intervenção docente, seja por insegurança, despreparo ou pela crença de que tais conflitos não fazem parte do seu papel enquanto educador, o que acaba por manter e legitimar o ciclo de violência e exclusão no ambiente escolar (Connell, 1997; Brasil, 2016).

### **Emoções e Silenciamento Afetivo na Adolescência**

As emoções são percebidas a partir em que o cérebro reconhece que determinado estímulo tem significado e relevância para a vida. No caso da adolescência, esse processo emerge de forma súbita, marcante e intensa. Trata-se de um período, que sucede a infância – fase em que a criança ainda não dispõe de um repertório emocional organizado para lidar com situações cotidianas – e inaugura desafios relacionados a construção de identidade, autoimagem e pertencimento social.

Aaron Beck (2010) afirma que nossas emoções, pensamentos e comportamentos começam a ser organizados desde a infância, em interação constante com entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Assim, aquilo que aprendemos na tenra idade assume papel significativo nos ciclos posteriores do desenvolvimento. O autor explica que as interpretações que fazemos do mundo resultam de nossas experiências com o ambiente, constituindo um conjunto de crenças que passam a orientar a forma como percebemos a nós mesmos, aos outros e as situações diversas. Tais crenças, quando rígidas ou distorcidas, podem fragilizar emocionalmente determinados grupos, como os meninos, cuja história e cultura ocidental,

frequentemente os convocam à contenção emocional e a performance de força e invulnerabilidade.

Neste sentido, meninos que internalizam crenças a autossuficiência, ao controle emocional e negação do sofrimento tendem a interpretar a expressão de fragilidade como sinal de fraqueza ou inadequação. Esse padrão cognitivo-comportamental pode levá-los a evitar situações de apoio, esconder sentimentos e recorrer a mecanismos compensatórios, como isolamento, ironia defensiva ou comportamentos de risco. Tais estratégias funcionam, inicialmente, como tentativas de autoproteção, mas acabam por intensificar o sofrimento subjetivo, pois impedem que o adolescente reconheça, elabore e compartilhe suas dores.

Na escola, essas crenças encontram terreno fértil para se reforçarem. A cultura dos pares, o policiamento constante da masculinidade e a vigilância sobre o corpo e o comportamento produzem um ambiente em que o erro, a dúvida e a sensibilidade se tornam alvos de julgamento. Assim, ao mesmo tempo em que vivencia mudanças corporais e emocionais intensas, o adolescente do sexo masculino sente-se pressionado a manter uma aparência de controle. Isso contribui para o silenciamento emocional e para a consolidação de padrões de de sofrimento inviabilizado – um dos elementos que justificam a importância de refletir criticamente sobre masculinidades, saúde mental e práticas de cuidado na escola.

### **Violências Simbólicas e Exclusões no Ambiente Escolar**

Conforme C. J. Pascoe (2007) a chamada “masculinidade de mercado” corresponde a um modelo normativo de masculinidade hegemônica, associada a valores como agressividade, competitividade, autossuficiência e desempenho. Essas características são valorizadas sobre tudo na na esfera pública – especialmente no mercado de trabalho – que se configura como uma arena em que a masculinidade precisa ser constantemente testada, provada e reconhecida socialmente. Assim o mercado, não é simplesmente um espaço econômico, mas também um território generificado, no qual diferentes formas de masculinidades entram em disputa por legitimidade e prestígio. Tais tensões evidenciam que as definições culturais de gênero não naturais ou estáveis, mas sim reproduzidas em relações de poder que privilegiam alguns homens e marginalizam outros.

Quando olhamos para o ambiente escolar, percebemos que esse modelo de masculinidade hegemônica começa a ser aprendido muito cedo. A escola funciona como

microcosmo social no qual os meninos observam, reproduzem e internalizam expectativas sobre força, dominação e controle emocional. Nesse processo, surgem formas de violência simbólica – expressas em zombarias, apelidos depreciativos, piadas sexistas e práticas de humilhação – que atuam como dispositivos de vigilância sobre o comportamento masculino. Meninos que não performam masculinidade esperada – seja por demonstrarem sensibilidade, terem interesses distintos do padrão, apresentarem trejeitos lidos como femininos ou simplesmente não aderirem aos grupos dominantes – tornam-se alvos preferenciais de exclusão e desqualificação.

Essas práticas produzem efeitos profundos na subjetividade: muitos meninos passam a suprimir emoções, a esconder a vulnerabilidade e a adotar estratégias de conformidade para evitar o estigma. Outros, em busca de reconhecimento, aproximam-se de grupos que reproduzem padrões de violência simbólica e física, naturalizando comportamentos de dominação. Com isso, a escola deixa de ser apenas um espaço de aprendizagem e passar a configurar-se como um campo de disputa por pertencimento, onde identidades masculinas consideradas “insuficientes” são sistematicamente silenciadas. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para compreender o sofrimento emocional masculino e para pensar práticas educativas que promovam cuidado, diversidade e saúde mental.

### **Redes de Apoio, Diferenças e Masculinidades Dissidentes na Escola**

Nos últimos anos, observa-se uma maior visibilidade de adolescentes que se identificam como LGBTQIA+ no espaço escolar, o que reflete transformações nas formas de expressar gênero e sexualidade na contemporaneidade. Como aponta Louro (2019), a escola é um espaço privilegiado na produção e regulação das identidades de gênero, mas também pode constituir-se como terreno de disputas e ressignificações. Assim, mesmo diante de resistências e preconceitos, muitos estudantes LGBTQIA+ tornam-se referências de modos alternativos de viver as masculinidades, em contraste com o modelo hegemônico descrito por Connell (2019).

Neste contexto, alguns meninos que não se reconhecem nesse padrão dominante de virilidade aproximam-se de colegas LGBTQIA+ ou de grupos majoritariamente femininos, encontrando nesses vínculos um espaço de acolhimento emocional. Essas redes favorecem a possibilidade de partilha de inseguranças, interesses comuns e vivências relacionadas ao medo do julgamento e à tentativa de pertencimento. Tal movimento dialoga com as análises de Pascoe

(2007), ao mostrar que a masculinidade é constantemente avaliada e negociada no cotidiano escolar, e que afastar-se de grupos centrados na competição e no controle afetivo pode constituir uma estratégia de proteção subjetiva.

Durante campanhas como o Setembro Amarelo, essa dinâmica torna-se particularmente visível, já que estudantes inseridos em redes de apoio tendem a engajar-se mais nas discussões sobre saúde mental e valorização da vida. Por outro lado, como alerta Butler (2020), as normas de gênero seguem operando como dispositivos reguladores, o que implica que muitos meninos permanecem restringidos por ideias de força e autossuficiência emocional. Nesses casos, a escola pode, ao mesmo tempo, oferecer proteção e reproduzir exclusões – sobretudo quando a violência se expressa em zombarias, estigmas e silenciamentos, conforme discutem Abramoray e Rua (2023).

Compreender como essas redes de pertencimento e suas tensões é essencial para ampliar os espaços de escuta e acolhimento no ambiente educacional. Isso implica reconhecer que as masculinidades são múltiplas, relacionais e marcadas por disputas de poder (Connell, 2019), o que exige práticas pedagógicas que favoreçam a expressão emocional sem hierarquizar modos de ser menino ou homem.

### **Setembro Amarelo e Masculinidades: Abrindo Espaços de Escuta na Escola**

As campanhas de prevenção ao suicídio, como Setembro Amarelo, têm desempenhado um papel fundamental ao ampliar o debate sobre saúde mental, sofrimento psíquico e valorização da vida dentro do ambiente escolar. Ao promover espaços de diálogo, elas possibilitam que estudantes reflitam sobre suas emoções, relações e experiências de exclusão, rompendo com o silêncio historicamente associado às masculinidades. No caso dos meninos, historicamente socializados, a ocultar emoções e sustentar imagens de força e autocontrole, o convite à fala e ao acolhimento se torna ainda mais necessário. Ao problematizar o silêncio, a campanha possibilita que adolescentes identifiquem sinais de exaustão emocional, tristeza persistente, automedicação, isolamento e formas perigosas de lidar com a dor, abrindo espaço para o desenvolvimento de um novo repertório de enfrentamento baseado no apoio, no vínculo, e na legitimidade do sentir.

Nesse sentido, falar sobre prevenção e pós-prevenção do suicídio implica orientar os meninos sobre quando e onde buscar ajuda – em serviços de saúde mental, redes de apoio

comunitárias, centros de atenção psicossocial, serviços de proteção social, além de profissionais de saúde e assistência social capacitados. Reconhecer o próprio limite e pedir ajuda deixa de ser fraqueza e passa a representar cuidado consigo mesmo. Ao mesmo tempo, torna-se indispensável o fortalecimento das políticas públicas de saúde mental, educação, assistência social e direitos humanos, garantindo acesso, continuidade de cuidado e dispositivos que apoiem adolescentes em sofrimento. Assim, a prevenção deixa de ser apenas ação pontual e passa a integrar uma rede ampla de proteção e promoção da vida, onde meninos possam existir com dignidade, expressar emoções e construir novas formas de masculinidade menos violentas consigo e com o outro.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter teórico-reflexivo, fundamentado em revisão bibliográfica e na análise de experiências profissionais vivenciadas no contexto escolar durante a campanha do Setembro Amarelo. As reflexões aqui desenvolvidas articulam contribuições de autores que discutem gênero, masculinidades e adolescência (Connell; Pearse, 2015; Louro, 2019; Pascoe, 2007; Butler, 2020), bem como referenciais da psicologia clínica e cognitiva (Beck, 2013; Beck; Haigh, 2014).

As elaborações emergem a partir da observação de práticas institucionais, rodas de conversa, palestras e atendimentos individuais realizados em escolas públicas e privadas, nos quais se identificou a baixa procura de adolescentes do sexo masculino por espaços de escuta e acolhimento psicológico. A análise privilegiou a compreensão dos sentidos atribuídos às experiências emocionais por meninos e jovens homens, bem como as relações entre gênero, silenciamento afetivo e sofrimento psíquico.

Não se trata, portanto, de pesquisa empírica de campo com delineamento estatístico, mas de um exercício reflexivo sustentado pela vivência profissional e suporte teórico, com o objetivo de problematizar práticas, lançar hipóteses interpretativas e contribuir para o debate contemporâneo sobre prevenção do suicídio e masculinidades na adolescência.

## **Declaração de uso de IA**

Neste trabalho, utilizou-se a tecnologia de inteligência artificial generativa ChatGPT (OpenAI) como ferramenta auxiliar no processo de escrita científica, com o objetivo de aprimorar a clareza, a organização textual e a adequação linguística do manuscrito. Todo o conteúdo gerado foi cuidadosamente revisado, editado e validado pelo autor, que assume integral responsabilidade pelo texto final, assegurando o rigor ético e acadêmico exigido.

## **Considerações Finais**

As reflexões desenvolvidas neste estudo evidenciam que meninos e jovens homens continuam sendo socializados sob fortes expectativas de virilidade, controle emocional desempenho emocional, o que contribui para o silenciamento do sofrimento psíquico e para a dificuldade de reconhecer e expressar vulnerabilidades. No contexto escolar, tais normas intensificam por meio de práticas e discursos que reafirmam masculinidades hegemônicas, gerando exclusões, violências simbólicas e afetivas, além de afastar os adolescentes de espaço de cuidado e escuta qualificada. Nesse cenário, a campanha Setembro Amarelo constitui uma oportunidade para tensionar esses padrões, legitimar a expressão emocional e favorecer o reconhecimento da dor como experiência humana e compartilhada.

Entretanto, a prevenção do suicídio entre adolescentes do sexo masculino requer ações contínuas e integradas, que ultrapassem o período das campanhas. Defende-se o fortalecimento de políticas públicas e redes de apoio que promovam acolhimento, educação emocional e acesso à saúde mental, reconhecendo a pluralidade das masculinidades e a necessidade de espaços seguros de fala. Romper com o ciclo de silêncio e estigmatização é tarefa coletiva, envolvendo a escola, família e sociedade, na direção da valorização e da construção de formas mais livres, éticas e cuidadosas de ser menino e de existir no mundo.

## **Referências**

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. *Violências nas escolas*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2023.

APA. American Psychological Association. *Guidelines for Psychological Practice with Boys and Men*. Washington, DC: APA, 2018.

- BARKER, G.; NASCIMENTO, M. *Homens, masculinidades e mudanças na América Latina*. Rio de Janeiro: Promundo, 2019.
- BECK, A. T.; CLARK, D. A. *Ansiedade e preocupação: fundamentos e tratamento cognitivo*. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- BECK, J. S. *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Prevenção do suicídio: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental*. Brasília, 2023.
- BRÊTAS, J. R. S. *Adolescência e saúde: aspectos biopsicossociais*. São Paulo: Manole, 2020.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAMINHA, R. M. *A timidez e a ansiedade social na adolescência*. São Paulo: Sinopsys, 2022.
- CASSIDY, J.; SHAVER, P. *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. 3rd ed. New York: Guilford Press, 2018.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 3rd ed. Cambridge: Polity Press, 2019.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2024.
- COSTA, J. F. *A invenção da masculinidade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- KIMMEL, M. *A produção social da masculinidade*. In: BONI, L.; CARRARA, S. (org.). *Masculinidades*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2015.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim Epidemiológico de Suicídio no Brasil*. Brasília: MS, 2024.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. *Guidelines on Mental Health Promotion and Suicide Prevention in Schools*. Geneva: WHO, 2023.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Suicide worldwide in the 21st century: global health estimates*. Geneva: WHO, 2021.

PASCOE, C. J. *Dude, You're a Fag: Masculinity and Sexuality in High School*. Berkeley: University of California Press, 2007.

PELÚCIO, L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume, 2017.

SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2010.

SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

UNICEF. *Saúde mental de adolescentes e jovens no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2022.

UNICEF. *The State of the World's Children 2021: On My Mind – Promoting, protecting and caring for children's mental health*. New York: UNICEF, 2021.

•

Recebido: 09/01/2026; Aceito 16/01/2026; Publicado em: 28/02/2026.